



O aprender e seus modelos institucionais

The learning and its institutional models

Gustavo do Carmo da Costa Filho¹

Resumo: Esse artigo tem como principal propósito, discutir os modelos do aprender frente à estrutura institucional existente, onde a capacidade do professor compreender, em uma organização lógico – matemática, como se dá a possibilidade de apreensão e principalmente, de organização neurológica os construtos necessários para uma melhor elaboração dos conceitos, e não só dos conteúdos que são trabalhados, usando como principal ferramenta, a linguagem. Ao mesmo tempo, discutir o papel da família e da escola, como desencadeadores desse processo.

Palavras-chave: Aprender; Modelos institucionais; Organização neurológica.

Abstract: This article has the purpose to discuss the models of learning across the existing institutional framework, where the teacher's ability to understand, in a logical organization - mathematics, how is the possibility of seizure and mainly of neurological organization the necessary constructs for better preparation of concepts, not only the contents that are worked using as main tool, language. At the same time, discuss the role of the family and the school, as triggering this process.

Keywords: Learn; institutional models; neurological organization.

O APRENDER

A linguagem é essencialmente simbólica. Com efeito, a relação entre as palavras e o seu significado não se baseia numa relação de contiguidade ou semelhança (à exceção das palavras que se referem ao som produzido por um animal ou por um fenômeno natural). Neste sistema de símbolos chamado linguagem, podemos ver princípios de indexicalidade, de iconicidade e de “simbolicidade” a atuar em simultâneo. Determinadas palavras servem apenas para “designar”, determinadas sequências de palavras refletem “iconicamente” a ordem das coisas na realidade e, finalmente, palavras escolhidas originalmente de forma arbitrária podem ser reunidas para formar novas palavras cujo significado é transparente. (DELBECQUE, 2006)

O aprender é um processo longo que dura a vida toda, pois não diz respeito só ao que formalizamos, mas também ao processo de vida como um todo, por isso quando se fala em aprendizagem, não podemos deixar de lado todos os aspectos que nos fazem conhecer, de alguma forma, aquilo que podemos usar no nosso dia-a-dia, como resolução de problemas, não há como negar que na nossa sociedade ocidental, a estrutura considerada – discutiremos mais tarde se isso procede – é a família.

A escola e a família compartilham funções sociais, políticas e educacionais, na medida em que contribuem e influenciam a formação do cidadão (REGO, 2003). Ambas são responsáveis pela transmissão e construção do conhecimento culturalmente organizado, modificando as formas de funcionamento psicológico, de acordo com as expectativas de cada ambiente. Portanto, a família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsoras ou inibidoras do seu

¹ Matemático, Prof. Dr. (FOC/SP)

crescimento físico, intelectual, emocional e social. Na escola, os conteúdos curriculares asseguram a instrução e apreensão de conhecimentos, havendo uma preocupação central com o processo ensino-aprendizagem. Já, na família, os objetivos, conteúdos e métodos se diferenciam, fomentando o processo de socialização, a proteção, as condições básicas de sobrevivência e o desenvolvimento de seus membros no plano social, cognitivo e afetivo. (Paidéia, 2007)

Essa visão que se tem da família e que, de fato, é o que socialmente esperamos dessa instituição tem, ao longo dos anos, mudado, como também, toda a estrutura social vem mudando. Precisamos nos dar conta de que, como a aprendizagem é um processo onde o indivíduo precisa entender como comportar-se frente ao grupo social ao qual pertence, toda mudança em qualquer de suas instituições, irá se refletir nesse comportamento.

Isso não é diferente quando tratamos de família, a história da família vem mudando desde que esse conceito foi inserido na sociedade. Essa família nuclear, biológica – a saber, pai, mãe e filhos – tem seu surgimento, após a Segunda Revolução Industrial (1850-1870), onde a criança deixou de ser tratada como, um adulto em miniatura, e, tornou-se pessoa em desenvolvimento, que deveria ser cuidada pelos seus parentes imediatos. Então vejamos, dessa mudança, para os dias de hoje, temos pouco mais de um século e meio, pensando nisso, em termos históricos e científicos, a constituição dessa família e em consequência disso, da escola, é recente demais para termos um diagnóstico sobre o comportamento das duas instituições.

O que se pode afirmar com certeza é que, com a mudança do papel da criança na sociedade, a forma de pensar a aprendizagem sofreu uma ruptura extremamente importante, o que se imaginava sobre o aprender, que fosse, para as pessoas comuns, uma repetição do que era visto e reproduzida infinitas vezes, mesmo que pessoas de estratos sociais mais altos, sempre tiveram “educação”, que era importante para a manutenção do seu “status” social.

Isso significa que, todos já tinham de alguma maneira, seu futuro definido, todos teriam a profissão definida pela família, quem tinha muito dinheiro tinha acesso a cultura, quem não tivesse teria o processo de profissionalização, ou seja, teria como dito acima, a possibilidade de continuar a carreira exercida pelos pais.

Com a possibilidade de uma escola para todos, onde as pessoas de todos os estratos sociais pudessem usufruir do mesmo tipo de aprendizagem formal, essa situação começa a ter um outro significado, ou seja, começa uma suposta meritocracia, as pessoas que se tivessem mais competência para entender o modelo, poderiam ir para outro estrato social.

Nesse momento começou um processo, aparentemente, igualitário, pois todas as escolas seguiam o mesmo modelo que, quem tivesse melhores condições de entender os conteúdos, ou especializar-se teriam, no ensino superior a capacidade de conseguir ter a profissão escolhida, independente do que, supostamente estaria destinado, o que acontecia nesse momento, era uma mudança social importante, pois essa escola era um reflexo de um novo modelo de sociedade onde, todos poderiam ter chance de fazer o que quisesse de sua vida; nesse momento inicia-se também, um modelo social competitivo, onde em um primeiro instante, todos estavam em igual condição.

Depois de algum tempo desse modelo escolar, começou a haver também uma mudança no modelo familiar, pois todas as possibilidades que eram oferecidas pela escola, mudavam o modelo de família estabelecido por essa sociedade pós – revolução industrial, já que nesse novo modelo escolar, tanto homens quanto mulheres, meninos e meninas, tinham o mesmo conteúdo e acesso ao ensino superior, comprometendo o modelo familiar, onde os papéis, estavam previamente estabelecidos.

Quando as mulheres começam a adentrar ao mercado de trabalho, o modelo familiar, começa a entrar em um esquema diferente daquele que estava estabelecido e a família começa a ter

um novo papel, pois já há a necessidade de ter uma estrutura onde as crianças precisam de um novo lugar para ficar. Então, nesse momento, começa o que foi chamado de “jardim da infância”, a criança precisava de um local para ficar, enquanto os pais estavam no trabalho, o nome é interessante, pois remetia a uma questão agrícola, era como se as crianças fossem pequenas plantas que deveriam ser “regadas” para crescerem, vejamos como aí se deu, como sempre, um processo de reciprocidade, pois a mudança no modelo escolar causou uma mudança no modelo familiar, que causa uma mudança no modelo escolar, e assim por diante...

É necessário discutir sobre isso, pois nesse modelo existente no momento, a escola e a família, mais do que nunca está interligada uma a outra, pois o há a necessidade de uma complementar a outra, então discussões inócuas, sobre quem deve fazer o que, não devem existir, quem deve cuidar de certos valores, ou de certos comportamentos, na verdade, tudo é responsabilidade de todos, pois estamos formando a sociedade que virá.

Para isso é necessário que, saibamos o que significa aprender, ou seja, além de toda essa questão social, o que as crianças e os indivíduos precisam compreender para elaborar todas as possibilidades de conflito e resolução de problemas, esse é uma questão que vem sendo construída desde a Antiguidade.

Vamos pensar um pouco nessa questão, pois ela é muito importante na história da aprendizagem formal, desde as culturas antigas, Babilônia, Egito, Grécia, houve um grupo de pessoas que eram “escolhidos” para aprender, aprender o que fosse próprio da sua casta, para ser um governante, um guerreiro, enfim, se existia a crença de que determinado grupo nascia com o encargo de suprir o que os da sua casta já faziam, vejamos isso de outra forma:

A “sophia” foi sem dúvida, um dos mais ricos e importantes conceitos criados pelos gregos. Já nos primeiros registros da literatura grega, ela ocupa um lugar expressivo no pensamento, na vida e nos valores helenos. Indica mais que “sabedoria” no sentido comum; é um tipo de saber-fazer e poder-fazer, realmente um valor em amplos sentidos, capaz de nos fazer refletir historicamente sobre a condição do “saber” na atualidade. O domínio e autoridade exagerada dos “peritos” modernos tem convocado os estudiosos a repensarem as relações sociais, o poder, a ciência e os próprios valores de nossa sociedade. A especialização nos mais diversos setores da vida humana tem levado à perda de sentido do conhecimento e do saber em seu aspecto universal, na unidade real em que se realiza na existência humana. (KOIKE e MATTOS, 2001)

O que esses autores se propõem a discutir é que, na sociedade grega, já se questionavam os valores de super conhecimento em uma área específica, pois o aprender seria mais do que, simplesmente, reproduzir uma ação, mas compreendê-la em todos os seus aspectos e poder realizar elaborações próprias que o tornariam dono desse saber-fazer, podendo exercê-lo nos mais diferentes momentos e, pelas mais diferentes razões.

O aparecimento da escola se dá nesse contexto, primeiro no surgimento dessa família que, agora, tem por necessidade e obrigação, cuidar de seus filhos, depois porque a sociedade exigia um local, onde o básico geral fosse acessível à todos! Aqui já estamos falando do século XX, com o surgimento da escola.

AS INSTITUIÇÕES

Pois bem, na necessidade de um local onde as convenções básicas seriam aprendidas, surge a também a elaboração de novos valores; quem será formado nessa escola? Para quem ela será organizada? E o que se pretende com ela?

No início tratava-se da mesma questão, ter um local onde as crianças pudessem ter acesso à cultura daquele contexto social, já que todo o resto seria da responsabilidade da família, ou seja, cuidar dos filhos, dando-lhes os conceitos necessários para a convivência em sociedade, para isso, as crianças entrariam na escola, quando completassem o básico da aprendizagem:

- 1- Aprender o que a sociedade chama de valores e moral,
- 2- Compreender os limites que são exigidos no contexto cultural,
- 3- Saber o comportamento adequado para cada situação,
- 4- Estar preparado para o que seria visto na aprendizagem formal.

Sabemos agora que, todas as instituições, tem igual responsabilidade na formação desse indivíduo, pois cada um contribui de maneira importante nessa formação, pois cada uma dessas instituições, tem um papel próprio, mas tão importante quanto, a família no acolhimento, na estruturação do afeto, a escola na formalização desse mesmo afeto e acolhimento, pois enquanto a família mostra o mundo de dentro para fora, a escola mostra essa mesma realidade de fora para dentro, mostrando o que acontece no grupo social como um todo e, não só no núcleo familiar, então é necessário expandir de uma maneira científica os conhecimentos de casa.

A causa das crianças é muito mal defendida no mundo por três motivos:

1 – o discurso científico, cada vez mais abundante no assunto, disputa com o discurso literário o monopólio do conhecimento da primeira idade da vida. Ele oculta a realidade simbólica, a potência específica, a energia potencial presente em cada criança. Objeto de desejo para o romancista, a criança torna-se objeto de estudo para o pesquisador em Medicina e Ciências Humanas.

2 – a sociedade preocupa-se, em primeiro lugar, em rentabilizar o custo das crianças.

3 – os adultos têm medo de liberar certas forças, certas energias das quais as crianças são portadoras e que questionam sua autoridade, suas aquisições e suas posições sociais. Eles projetam na criança seus desejos contrariados e seu mal – estar, impondo-lhes seus próprios modelos.

Analisar a “lição da história”, estudando as origens dos fracassos e das fontes de erros que há séculos alienam e arruinam as relações entre adultos e crianças, e propor uma nova aproximação é o que devemos fazer.

Françoise Dolto (A Causa das Crianças)

Precisamos estar atentos pois, com a disputa de quem é o “dono” da criança, nessa função do aprender, estamos perdendo a oportunidade de dar para a criança a formação de indivíduo que, ela de fato precisa.

Ela precisa de aprendizagem no seu modo mais pleno, a aprendizagem se dá dessa forma, se ela tiver ao seu dispor todos os mecanismos necessários que possam lhe proporcionar, as condições para que ela possa desenvolver todas as competências e habilidades; mais do que isso, ela elabora sua convivência com o grupo social e aprende a ser cidadão.

Outra discussão importante: o que é ser cidadão? Isso significa ter uma formação que lhe permita, decidir os rumos de sua própria vida, saber elaborar as situações que possam surgir em qualquer área e, mais do que isso, saiba que pode de fato, fazer isso tudo.

Para isso, é necessário que esse contexto seja íntegro, ou seja, todas as estruturas envolvidas, principalmente, escola e família, estejam em total harmonia, possam ter como principal objetivo, o bem estar em todos os aspectos, dessa criança que precisa estar, desde o seu nascimento, em aprendizagem.

Reforçando, a família, apesar de ter seu modelo específico, ou seja, de como acolher e dar as bases para a formação inicial e, a escola como a estrutura que formaliza essas bases e, em consonância as duas estruturas formam o que pode tornar o indivíduo, alguém que compreende, elabora e organiza sua vida e constrói e reconstrói o contexto cultural onde está inserido.

Aprender é mais do que a repetição antiga que se pensava antes, nem a função de aprendiz de alguma técnica que utilize em um trabalho específico, é antes de mais nada, dar a possibilidade de que cada um de nós possamos entender e interferir de forma adequada na sociedade.

A aprendizagem familiar se constrói hoje, já que houve uma mudança social importante, em primeiro lugar, na qualidade do tempo que se dedica à essa criança, possibilitando sua compreensão dos lugares onde fica durante o dia, pois é o que vemos em segundo lugar, já que a aprendizagem escolar, tomou um espaço que ainda não foi, totalmente, compreendida.

O que significa essa compreensão? Significa que há um novo modelo social que, não permite mais, nada estático, não que não haja sempre dinamismo, nas relações sociais, mas com as chamadas novas família temos o que Dolto (2005):

Temos razão de criar lugares de socialização da criança, mas é preciso estar atento para não misturar crianças de dois anos com ritmos de escolas maternas, que absolutamente não servem para elas, nem para as de três anos que de fato não tenham três anos de idade emocional, afetiva. Há crianças que com dois anos não sabem ainda quem são, o que é ser menina ou menino, quem é seu pai, quem é sua mãe, quem são os outros parentes próximos, os avós maternos e os avós paternos. A idade de três anos é, para alguns, demasiado cedo para ir à escola maternal. Aquela que não sabe sozinha se levantar, se deitar, se vestir, se lavar – exceto um caso excepcional, evidentemente, penso em alguns deficientes físicos - , comer sozinho; no quadro geográfico corrente em sua vida, quando está , reencontrar sua casa; em todo caso, dizer seu endereço, não é uma criança de três quanto à idade emocional.

O que podemos apreender de tudo isso, de como a criança necessita estar na escola de forma correta, aprender o que é importante para sua formação, mas do melhor jeito e, isso deve levar à uma discussão social importantes, junto com a família, seu principal par nessa história, para que haja uma compreensão do que está de acordo com a sua idade e formação.

O aprendizado se dá de uma forma onde as características sociais, que estão sendo integradas às características do organismo e, compreender que esse conjunto não se dá de forma espontânea, mas com os estímulos adequados. Esses estímulos, estão relacionados ao que o contexto social trabalho.

Precisamos discutir como escola e família, principais instituições na formação inicial do indivíduo, consegue adaptar-se ao mercado de trabalho, há aqui um novo conceito discutido por Pacheco, da Escola da Ponte, chamado de hipertrofia, discutido por Saviani (1994).

Como se dá a transição da escola para o mercado de trabalho? O que tivemos com este processo? Que a forma escolar emerge como forma dominante de educação na sociedade atual. Isto a tal ponto que a forma escolar passa a ser confundida com a educação propriamente dita. Assim, hoje, quando pensamos em educação, automaticamente pensamos em escola. É por isso que quando se levantam bandeiras em prol da educação, o que está em causa é o problema escolar. Se a educação escolar é a forma dominante na sociedade atual, compreende-se por que as demais

formas de educação, ainda que subsistam na sociedade moderna, passam para um plano secundário, se subordinam à escola e são aferidas a partir da escola. Ocorre aqui com a questão escolar o mesmo fenômeno que Marx descreveu com relação à economia, ou seja, trata-se de compreender as formas menos desenvolvidas a partir das mais desenvolvidas e não o contrário? Nesse sentido que é possível compreender a educação a partir da escola e não o contrário. As formas não escolares de educação têm que ser compreendidas a partir da escola que é a forma desenvolvida de educação. Este é o fenômeno que observamos hoje em dia, a tal ponto que, quando falamos em escola, não é necessário adjetivar; todos entendem do que se está falando. Mas, quando se quer falar em educação que não seja a da escola, temos que fazer a referência sempre pela via negativa: educação não escolar, educação não formal, informal.

Mais uma vez precisamos colocar o conceito claro de aprendizagem, qual o papel da escola, qual o papel da família?

Para deixar tudo muito claro, o que é aprendizagem? Em síntese: a aprendizagem é um fenômeno complexo que envolve aspectos cognitivos, emocionais, orgânicos, psicossociais e culturais. É resultante do desenvolvimento de aptidões e de conhecimentos e da transferência destes para novas situações.

O desenvolvimento real consiste na solução independente dos problemas. Dessa forma, a aprendizagem desperta o processo interno de desenvolvimento que só pode ocorrer quando o indivíduo interage com outras pessoas. O desenvolvimento é embasado sobre o plano das interações. O indivíduo faz uma ação que tem inicialmente um significado partilhado. O universo da educação escolar torna acessível ao sujeito o conhecimento formalmente organizado e que o desafia a entender as bases dos sistemas de concepções científicas e a tomar consciência de seus próprios processos mentais.

O importante no processo de aprendizagem, como um todo, é a formação da consciência que é de forma determinada pela natureza das relações que a engendra: trata-se das relações sociais com as quais cada indivíduo realiza sua atividade coletiva, onde o trabalho ocupa o lugar central.

Para entendermos o que está sendo colocado, deve-se falar do desenvolvimento humano. O estudo de desenvolvimento do ser humano refere-se às transformações da natureza humana, quer elas sejam genéticas ou culturais, universais e individuais. O desenvolvimento humano é estudado pelos psicólogos a partir da percepção, cognição, relações humanas, linguagem e competências sociais.

Estudar o desenvolvimento humano significa também conhecer as características comuns de uma faixa etária. Planejar o que e, como ensinar implica saber quem é o educando. Existem formas de perceber, compreender e se comportar diante do mundo, próprias de sua faixa etária.

Para ficar claro: na infância, a criança está pronta para iniciar um processo de aprendizagem sistemática. A criança adquire uma autonomia crescente em relação ao adulto, passando a organizar seus próprios valores morais, fazendo desse processo seu caminho para a idade adulta.

Pensando em tudo que foi colocado acima, precisamos pensar que, a questão do aprender, nesse momento, levando em conta, tudo que foi dito sobre o processo de aprendizagem, é que há uma modificação que deverá acontecer necessariamente, imaginar uma reforma na instituição familiar, resultante do que foi afirmado em todo o texto.

Essa reforma, deve ser um “enquadramento” ou, “aceitação” de tudo que já está acontecendo, a família idealizada, não só não existe mais, como se questiona se existiu algum dia,

pois os modelos difundidos funcionavam mais como um “controlador” social, do que o que de fato existia.

O que se quer dizer com isso, devemos pensar que, toda sociedade necessita para sua sobrevivência, impor modelos que devem ser compreendidos pelos grupos e reproduzidos, tendo como justificativa, o bem estar de todos, quando essa família estabelecida na nossa sociedade, de forma biológica e nuclear, passa a ter mudanças, há em um primeiro momento uma tentativa de normatização, onde isso pode se dar ? na estrutura que é par dessa instituição, no caso do aprender, a escola.

Como pode ser processada essa mudança na escola, e portanto, uma nova normatização, a reforma na escola deve, nessa situação discutida, buscar por um saber mais próximo ao saber fazer, como já se pensava fazer, e não apenas como tem sido, nos últimos anos, desde o final do século XX, atrelado ao saber do professor advindo dele e de um conhecimento estático, algo já discutido, visto a impossibilidade de pensar em saber ou, aprender que não seja dinâmico.

Poderíamos nesse aspecto, começar a discutir que, a perspectiva da escola deveria estar atrelada às teorias de aprendizagem e à ação mental, o que significa, a possibilidade do indivíduo de ser protagonista de sua própria vida, possibilitando a elaboração de referências para que cada um, atinja o conhecimento com significado.

Vivendo esse momento contemporâneo, onde o tempo corre acelerado, as necessidades passam a ser oriundas dessa “pressa” existencial, como se não houvesse tempo de uma reflexão sobre o ser formado (metaforicamente, já que passamos a vida toda nesse processo), ou a criança, indivíduo em formação absoluta, em todos os seus aspectos.

Voltando a colocar a questão dessa suposta “correria”, podemos discutir a comunicação, algo que ainda não foi colocado, mas que sem dúvida interfere fortemente, na situação do aprender, devemos falar dos novos modelos de comunicação.

Com o advento da tecnologia de uma forma abrangente, os modelos impostos socialmente, começam a ter como parâmetro, as informações trabalhadas na família e na escola, com as informações que o próprio indivíduo, independente de sua faixa etária, tem por si mesmo.

Em função disso, o ritmo da atenção, da concentração e do interesse dedicados ao aprender formal, muda de forma expressiva, já que aparentemente, o aprender tecnológico, é mais rápido, mais objetivo e traz respostas claras e prontas, sem o processo de reflexão, claro, tudo isso, quando essa tecnologia não é utilizada de forma adequada.

A evolução social que se intensificou desde o século XIX, fez com que as capacidades perceptivas dos indivíduos sofressem grande alteração. As mudanças frequentes do ambiente urbano, os deslocamentos em velocidade proporcionados por trens, automóveis e aviões passaram a exigir o processamento mais rápido e intenso dos sentidos, em especial o olhar.

O tempo mostra que há uma grande estimulação para responder por impulsos. Geralmente, essa resposta exige consumo, porta de acesso à realização de desejos. Então, colocamos, um outro aspecto nessa equação a mudança tecnológica que é motor propulsor importante de, toda essa mudança social tem como resultado uma grande necessidade de consumo, já que o tempo antes utilizado pela família e escola, hoje é utilizado, individualmente, e sem reflexão, o que interfere de forma expressiva na formação tanto familiar quanto escolar.

Podemos imaginar, então, que aquilo que foi discutido, durante muito tempo, como repressão pelos métodos utilizados tanto na família, quanto na escola, tornou-se uma aparente liberdade com os aspectos tecnológicos, com essa “suposta nova família” e novos modelos

escolares, mas como definir o que é liberdade, ou se o sujeito do conhecimento, pode ser livre de alguma maneira.

A palavra liberdade é empregada diariamente e nos mais diversos sentidos. Costuma-se acrescentar-lhe um epíteto que determina seu sentido. Chamamos de liberdade política, por exemplo, a faculdade concedida aos cidadãos de intervirem de algum modo no governo do país; liberdade individual, o direito que todos possuem, ou deveriam possuir, de dispor de sua pessoa, na medida que não prejudicar os semelhantes; liberdade de consciência, a faculdade permitida a todos os Estados livres, de expressar suas opiniões e seguir suas crenças. (Henri Bergson, Aulas de Psicologia e de Metafísica)

A noção do aprender, é tão ampla e complexa que coloca-la apenas como um processo de repetição ou, de elaboração do que já está feito é, de alguma maneira, desqualificar o indivíduo, e toda a sociedade, pois deixa de levar em consideração de que, todos que aprendem, mudam totalmente, toda a história da humanidade.

A família e a escola, são instituições determinadas socialmente, como base para a formação do indivíduo; devemos levar em consideração, que esse mesmo indivíduo, alvo de todas as mudanças que se processam o tempo todo, age dinamicamente, e por isso, dificilmente, poderíamos imaginar que tudo continuasse da mesma forma, independente de tudo que se modifica, não haveria evolução, todos ficaríamos parados em algum momento estático do tempo.

Devemos então avaliar que, o aprender e as instituições sociais, estão intrinsecamente ligados, pois cada um interfere diretamente no outro, em todas as elaborações necessárias para que o indivíduo, seja, mais do que alguém que reproduz aquilo estabelecido no contexto cultural.

Tudo se remete para uma construção neural e sempre dinâmica, onde cada um, diferente do que se pensava, elabora o mundo de sua própria maneira, mesmo que dentro dos padrões sociais, como dito em todo o texto, é sempre uma condição dependente da outra, os indivíduos são produto e produtores de sua condição do aprender.

Aprender é um processo amplo e que acompanha toda a vida do indivíduo e, tem como característica a expressão estabelecida pelas instituições sociais, como a família e a escola, na nossa sociedade, que determinam o rumo de como será a representação desse aprender, através da forma exigida pelo social, em constante mutação, por isso, trazendo sempre a necessidade de revisão.

Em síntese: a escola e a família, no processo do aprender, na nossa sociedade, determina o modelo apresentado pelos indivíduos, que hoje devemos colocar em discussão, pois o efeito esperado de resposta não está sendo eficiente.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. Aulas de Psicologia e de Metafísica. Martins Fontes. São Paulo/SP. 2014

DOLTO, Françoise. A causa das crianças. Editora Ideias e Letras. São Paulo/SP. 2012

VIGOTSKI, Lev. Pensamento e Linguagem. Martins Fontes. São Paulo/SP. 2006